

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS CONCEITOS DO *LOGOS DIVINO* NO PENSAMENTO ESTOICO DO ANTIGO PÓRTICO E NO CRISTIANISMO PRIMEVO

Thiago da Silva Pereiraⁱ 0009-0008-3636-7644
Centro Universitário UniFatecie

Flávio Donizete Batistaⁱⁱ 0000-0002-2698-1797
Centro Universitário UniFatecie

RESUMO: Classicamente, o estoicismo é dividido em 3 (três) momentos, sendo a primeira fase, o antigo Pórtico, aquela em que se consolida o conceito do *logos* como criador de tudo o que há. O escopo precípua do presente artigo é cotejar o conceito da razão divina (*logos*) apresentado pelo estoicismo do antigo Pórtico com aquele descrito pelos primeiros pensadores da cristandade primitiva. Para tratar do objeto desse estudo comparativo, buscou-se a revisão bibliográfica como método qualitativo de análise, concluindo-se, assim, pela harmonia parcial entre ambos conceitos. A convergência se dá no que se refere ao Deus criador, à fração desse *Logos* que existe

no homem e à iluminação da existência do homem com propósito de vida. Quanto aos pontos de deflexão, pôde-se inferir que, a despeito de ambas correntes de pensamento abarcarem a existência de um Criador, seus atributos possuem aspectos distintos quanto à substância (imane para os estoicos e transcendente para os cristãos), providência (impessoal para os estoicos e pessoal para os cristãos) e natureza (se iguala à natureza humana para os estoicos e se difere da natureza humana para os cristãos).

PALAVRAS-CHAVE: Estoicismo. Cristianismo. *Logos*. Deus.

COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN THE CONCEPTS OF DIVINE LOGOS IN THE ANCIENT STOIC THOUGHT OF THE OLD STOA AND IN EARLY CHRISTIANITY

ABSTRACT: Classically, Stoicism is divided into three periods, with the first phase, the Ancient Stoa, being the one in which the concept of the *logos* as the creator of everything that exists is consolidated. The primary scope of this article is to compare the concept of divine reason (*logos*) presented by Stoicism of the Ancient Stoa with that described by the early thinkers of primitive Christianity. To address the object of this comparative study, a bibliographic review was sought as a qualitative method of analysis, thus concluding partial harmony between both concepts. The convergence occurs with regard to

the Creator God, the fraction of this *Logos* that exists in man, and the illumination of man's existence with a life purpose. As for the points of divergence, it can be inferred that, despite both schools of thought encompassing the existence of a Creator, their attributes have distinct aspects regarding substance (immanent for the Stoics and transcendent for the Christians), providence (impersonal for the Stoics and personal for the Christians), and nature (equal to human nature for the Stoics and different from human nature for the Christians).

KEYWORDS: Stoicism. Christianity. *Logos*. God.

1. Introdução

Inicialmente é importante abordar, ainda que sucintamente, o contexto histórico do surgimento do sistema de pensamento estoico e sua proposta de compreensão do homem e da vida. Reale (2015, p. 5) aponta que o estoicismo se originou com a chegada de Zenão de Cício a Atenas em aproximadamente 311 a.C. com o objetivo, inicialmente, de aprender as lições dos importantes pensadores dessa época. Todavia, os ensinamentos almejados não lhe atenderam satisfatoriamente as expectativas de respostas aos seus questionamentos filosóficos, razão pela qual ele se dispôs a lecionar à frente de um pórtico (que deriva do grego *stoá*), iniciando um novo sistema de pensamento.

O período era a expansão do império macedônico, com a consequente implantação do helenismo nos territórios tomados. Outrossim, uma das primeiras motivações para o desenvolvimento de uma nova escola filosófica foi o repúdio de Zenão ao ensino radicalmente materialista do Jardim de Epicuro. Vale também ressaltar que aquele autor apresenta o estoicismo dividido em três fases, quais sejam: o antigo Pórtico (entre o fim do século IV e o transcorrer do século III a.C.), o médio Pórtico (séculos II e I a.C.) e o Pórtico romano (a partir da era cristã). Sendo assim, dar-se-á enfoque ao Pórtico antigo, objeto do presente trabalho, visto que foi nos seus primórdios que o estoicismo consolidou a ideia do *logos*.

Ainda seguindo o magistério de Reale (2015, p. 17), Zenão, poucos anos após a instituição do Jardim, apresenta nova proposta de compreensão da vida, a qual está diretamente relacionada ao *logos*, que promove a superação das vicissitudes e dos instintos passionais, trazendo, portanto, a felicidade ao homem.

O autor assinala ainda que o pensamento estoico se submete a uma estrutura tripartite: a lógica, a física e a ética, sendo essas mesmas partes suportadas por um mesmo princípio comum: o *logos*, que, segundo o autor, “é princípio de verdade na lógica, é princípio criador do cosmo na física, é princípio normativo na ética”. Cabe também destacar o que ensina Assmann (1994) no que se refere ao período helenístico, caracterizado pela disseminação da cultura e idioma gregos pelos territórios conquistados. Nesse período, em que a *polis* passa a *cosmopolis* e as cidades-estado se dissolvem, a sociedade grega se encontra diante de uma realidade deveras desafiadora: a individualidade assumindo o lugar do espírito coletivista de outrora. Se antes a filosofia exaltava a atividade política (coletivismo) como baluarte da sabedoria, agora, principalmente por meio do estoicismo, é o aprimoramento individual das virtudes que torna um indivíduo sábio. Assim, conforme o autor supradito:

Interessa em primeiro lugar a vida individual, e não a vida pública. A tarefa filosófica consiste em contribuir para a libertação dos indivíduos com relação a qualquer escravidão externa. Por isso usam-se termos negativos: a-taraxia (não perturbabilidade), a-praxia (não atividade), a-patia (não paixão). A vida pública deve estar a serviço do indivíduo, e não o contrário. Por outras palavras, já não é possível esperar a solução, a felicidade, através da política (Assmann, 1994, p. 29).

Prosseguindo na lição de Assmann (1994), o pensamento estoico se reveste de aspecto eminentemente existencial, visto que, para Zenão, a serventia da filosofia repousaria na sua capacidade de curar as angústias humanas. Assim, o estoicismo parte do pressuposto da racionalidade do Universo e da ciência como alicerce da moralidade, o que se traduz na máxima *viver segundo a natureza*, ou seja, estar em conformidade com a razão (o *logos*). Essa mesma razão é a base referencial de toda a existência humana, visto que é por meio do autodomínio e da sujeição das paixões à razão que o indivíduo sábio se distingue do néscio.

Ainda nesse contexto, o controle dos impulsos passionais pode se materializar, por exemplo, por meio da abstenção da prática sexual que não tenha como propósito a procriação. Isso porque os estoicos repudiavam tanto a relação extraconjugal quanto os atos sexuais (ainda que no seio do matrimônio) apenas para satisfação dos desejos.

Assim, para tais pensadores, essas condutas contrariam a escorreita razão, da qual o homem jamais deveria se apartar. Ainda a respeito do prazer, que está relacionado às paixões e, portanto, à supressão da razão (*logos*), é mister salientar que ele não deve ser considerado como referência de bem moral, visto que, para os estoicos, o gozo das paixões é um mal em si. Nessa sequência o Pórtico reafirma que a vida segundo a razão e a vida segundo os prazeres são mutuamente excludentes, já que a virtude é intrínseca à observância do modo de vida *segundo a natureza*. Assim, esse é um dos pilares do pensamento estoico.

2. O *Logos* do antigo Pórtico

Segundo Reale (2012 *apud* Dionísio, 2022), tudo o que há é governado por um princípio racional universal, que os estoicos definem como *logos*. Nesse sentido, todas as manifestações naturais, a vida animal, vegetal e humana, bem como o próprio universo, exerce funções escorreitas e próprias, o que exclui a aleatoriedade e banalização da existência das coisas e da vida. O *logos espermátikos* surge como uma ideia de germinação de uma semente, por meio da qual todas as partes da árvore gerada se relacionam entre si e só podem existir a partir daquela

unidade geradora (o princípio do monismo estoico), conforme discutido por Dionísio (2022). Além disso, segundo Reale (2015), os primeiros estoicos concebem a ideia de que o homem detém em si uma fração do *logos* divino, o que implica a prevalência do homem sobre os demais seres justamente pela capacidade que a espécie humana tem de agir sob os ditames da razão.

A compreensão de Deus elaborada pelos pensadores da *Stoa* se fundamentava na ideia de que o *Logos* (termo que se confunde com o próprio Deus) consistia numa providência impessoal, a qual atraía para si a incumbência de ordenar todas as coisas existentes de forma racional (Sánchez, 2022). Outrossim, o cerne da ética do Pórtico antigo era baseado no pensamento de Heráclito, o qual afirmava que o fogo é o próprio *logos*, e, por conseguinte, o próprio Deus. Conforme explica Reale (2015, p. 11), Heráclito afirmava que: “Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas.” Conforme se pode depreender do excerto supradito, a visão heraclitiana, também adotada pelos pensadores do Pórtico, corroborava a crença na imanência divina.

Outro aspecto divino pensado por Zenão era que o *logos* era também o *destino*, ao qual o homem deveria se submeter espontaneamente como forma de aceitação da ordem e eventos naturais da vida. Nesse contexto, cita-se a definição de *heimarmene* disponível na obra de Pohlenz (*La Stoa*) (apud Sánchez, 2022), em que seria a inviolável sequência das causas. Todavia, o *destino* atua em eventos externos, cabendo ao homem afirmar-se de forma independente, pois ainda havia o livre arbítrio para decidir racionalmente sobre o que lhe incumbe (Sánchez, 2022). Cabe ainda ressaltar a lição de Reale (2015, p. 60) a respeito da Providência divina para os estoicos.

Esses pensadores fundamentam a ideia de uma Providência que não transcende, mas é imanente e se confunde com o artífice imanente de um mundo concebido de forma panteística. Estobeu, citado por Reale (2015, p. 60), aborda essa visão do Destino mais precisamente:

Crísipo explica a essência do destino como potência espiritual que governa com ordem o todo. Isso ele escreve, pois, no segundo livro da obra *Sobre o cosmo*. No segundo livro das *Definições*, nos livros *Sobre o Destino* e alhures, esporadicamente, exprime-se de outro modo dizendo que o destino é o *lógos* do cosmo, ou o *lógos* pelo qual as coisas que no cosmo são governadas pela providência, ou o *lógos* pelo qual as coisas que aconteceram aconteceram, as que acontecem acontecem e as que acontecerão acontecerão. No lugar do “lógos” adota também os termos “verdade”, “causa”, “natureza”, “necessidade”, acrescentando também outras denominações, referidas por ele à mesma essência, segundo sempre novas instituições de conceitos. (Estobeu *apud* Reale, 2015, p. 60).

Considerando a impessoalidade da divindade imanente concebida pelos estoicos, Reale (2015, p. 54) corrobora essa afirmação:

O Deus estoico, na lógica do sistema, à medida que se identifica com a natureza, não pode ser pessoal. Consequentemente, a oração não tem sentido, se Deus é o impessoal *lógos* e a natureza [...]. De resto, é destino fatal do panteísmo o fato de não poder manter em justo equilíbrio a identificação de Deus e Natureza, e tender a dissolver-se, em última análise, no ateísmo ou no teísmo (Reale, 2015, p. 54).

Conforme as lições de Algra (2006) e de Duhot (2006), citados por Matos (2010), o *Logos* divino recepcionado pelo pensamento estoico se apresenta de maneira simultaneamente monoteísta, politeísta e até panteísta. Enquanto monoteísta, o Criador é uma entidade única; enquanto politeísta, apresenta múltiplas formas de manifestação e panteisticamente está presente em tudo. Outrossim, é a ação divina que anima a matéria bruta, atribuindo-lhe forma e movimento, conforme defende Sextus Empiricus, citado por Matos (2010). Igualmente, tratando do monismo panteísta, Reale (2015, p. 46), com base na leitura das obras de Diógenes Laércio e de Temístio, conclui o seguinte:

a) A concepção de fundo da física estoica é uma forma de corporeísmo e de materialismo, porque reduz o ser à corporeidade e à materialidade. b) Esse materialismo, em vez de tomar a forma do mecanicismo e do pluralismo atomista, como nos epicuristas, configura-se em sentido hilemórfico, hilozoísmo e monista. O corpo é sempre matéria unida à qualidade, inseparáveis uma da outra; e todo corpo é sempre um momento incindível do todo do qual é parte. Existe uma única matéria, a qual traz em si o princípio da vida e da racionalidade, que faz germinar da matéria todas as coisas. Princípio passivo e princípio ativo, matéria e Deus, *não são*, pois, *duas entidades separadas*; são lógica e conceitualmente distinguíveis, mas ontologicamente inseparáveis: constituem, portanto, uma única realidade. [...] c) Dado que o princípio ativo, Deus, é incindível da matéria, e dado que não há matéria sem forma, Deus está em tudo e Deus é tudo. Deus coincide com o cosmo [...] (Reale, 2015, p. 46).

Passando da física à ética estoica, o *logos* adquire novos contornos que fundamentam a segunda. Reale (2015, p. 72) afirma que a ética é o componente mais expressivo da lição do Pórtico, visto que, segundo o autor:

[...] foi, de fato, com sua mensagem ética que os estoicos, por mais de meio milênio, souberam dizer aos homens uma palavra eficaz, ouvida como particularmente iluminadora do sentido da vida, profundamente consoladora dos males do homem e libertadora das ilusões (Reale, 2015, p. 72)

Compulsando a obra de Reale (2015, p. 73), percebe-se que a existência humana na ética estoica possui relevância ontologicamente superior àquela proposta pelo atomismo do Jardim. Para os pensadores da *Stoá*, o fim da existência humana é a felicidade e não a mera satisfação dos prazeres, como propunham os epicuristas. Isso porque é por meio da conduta racional que o homem adquire sabedoria, e, portanto, felicidade.

A metafísica estoica está enraizada no fragmento do *logos* divino que está presente no homem. Assim, a razão, intrínseca a esse excerto do *logos* divino, é o que distingue o homem de todos os outros seres. Outro ponto a ser destacado acerca do *logos* instituído pelo sistema do Pórtico, é a referência à moralidade social, que, segundo Dionísio (2022), ao citar Reale (2003) e Martínez (1991), está relacionada à sujeição do homem ao que lhe é determinado pelo *logos*, visto que os mecanismos sociais se estabelecem de maneira adequada e fluida quando cada indivíduo age segundo o que lhe é próprio, ou seja, vive conforme suas habilidades e funções específicas.

É importante também destacar que, segundo Gazolla (2006), a atividade intelectual do homem adquire patamar divino quando segue compatível com o *logos* cósmico. Com isso, a escola estoica atribui aos desejos (ou impulsos) a causa da perturbação desse mesmo *logos*, o qual, debilitado por esses impulsos, não permite ao homem analisar com excelência as circunstâncias que lhe são inerentes. Assim, os desejos são intrínsecos à natureza humana, o que, para os estoicos, expressa o aspecto bélico de que se reveste a alma (Gazolla, 2006).

Soma-se a isso o que ressalta Souza (2013), citando Reale (1994), acerca dos conceitos de *bens*, *males* e *indiferentes* para o pensamento estoico. Nesse sentido, essas três classificações possuem como fundamento a relação com o *logos* partindo do pressuposto de que é o que se ajusta ou se opõe à razão o parâmetro por meio do qual se qualifica algo como *bem* ou *mal*.

Na verdade, nessa diferenciação os estóicos chegam a tal ponto de rigor e de intransigência, que consideram verdadeiros e autênticos bens *exclusivamente* os que incrementam o *lógos*, e, verdadeiros e autênticos males *exclusivamente* os que se opõem à *physis racional* (Reale, 1994 *apud* Souza, 2013).

Nesse contexto, conforme o autor supradito, classifica-se como *bem* o que contribui para a solidez do *logos*; noutros termos, o que se harmoniza com a razão. Noutra banda, como *mal* é classificado aquilo que é inservível à razão ou até mesmo o que lhe é infenso. Assim, conforme Marcondes (2005 *apud* Souza, 2013), a *Stoá* atribui a três virtudes a origem de todas as demais, quais sejam: *inteligência*, *coragem* e *justiça*. Para melhor compreensão, Marcondes descreve

da seguinte forma tais virtudes-base: “*a inteligência, que consiste no conhecimento do bem e do mal; a coragem, ou o conhecimento do que temer e do que não temer; e a justiça, o conhecimento que nos permite dar a cada um o que lhe é devido*”. Souza (2013) aponta também a terceira via dessa classificação moral, o *indiferente*. São assim denominados os elementos que são alheios ao *logos*, e, portanto, desprovidos de virtude.

Complementando essa concepção dos *indiferentes*, Gazolla (2006) afirma que esses são os verdadeiros elementos que propiciam escolha eticamente genuína, pois se trata da combinação de agir e saber da alma humana. Isso permite ao homem desfrutar da liberdade de opção, que é o cerne da Ética estoica.

Nesse contexto de liberdade, assenta-se a capacidade de o homem querer seguir a Natureza, a qual lhe concede os meios necessários a agir em conformidade com ela e, uma vez cumprindo essa orientação, o homem age com excelência máxima (*areté*). Porém, nem sempre os homens o fazem, apartando-se da virtude que deles se esperam. Por isso, o Pórtico propõe aprimoramento do homem de forma incessante com o fim de atingir condutas virtuosas por meio de ferramentas intelectuais que viabilizem o agir escorreito. Com isso, o homem atingiria a serenidade da alma ao perseguir a Natureza. Por fim, cabe lembrar que os estoicos ensinam que o homem é também natureza (Gazolla, 2006).

3. O *Logos* no cristianismo primevo

É indiscutível o impacto da moral e do pensamento cristãos na sociedade desde os seus primórdios. O surgimento de uma nova forma de relação do homem com Deus, agora mais acessível e individualizada, trouxe à humanidade um sistema de pensamento que não se esgota numa relação meramente religiosa, mas traz ao homem questionamentos sólidos acerca da sua existência e do seu Criador, também conhecido como *Logos*. Nesse contexto, diversos pensadores da Teologia cristã elaboraram argumentos e discussões contundentes não apenas no que tange à Apologética, mas também à sistematização de doutrinas missionárias, tão importantes nos primeiros séculos de expansão do Evangelho, a despeito das perseguições aos cristãos e da criminalização de sua fé. Um dos expoentes apologistas do século II foi Justino Mártir, que tratou do *logos* divino na pessoa de Cristo, conforme apontam Altaner e Stuiber, citados por Lopes (2019): “*Justino, ao considerar Cristo como logos, afirma que, em Cristo, o logos divino apareceu em toda a sua plenitude, mas cada homem possui, em seu intelecto, um*

germe desse logos, e é essa participação que permite ao homem aprender a verdade.” Importante notar que esse excerto apresenta semelhança ao entendimento do *logos* concebido pelo Pórtico.

Prosseguindo nessa apresentação de Justino, este afirma ainda que essa mesma atuação do *logos* no homem não se dá uniformemente, porém mais intensamente em alguns do que em outros, como os pensadores Heráclito e Sócrates, pois, segundo o teólogo, tais filósofos já poderiam ser considerados cristãos antes da encarnação de Cristo, pois suas condutas se delimitavam pela razão (Justino *apud* Altaner; Stuiber in LOPES, 2019). Cabe ainda ressaltar a consideração de Antiseri a respeito da obra *Apologia II* de Justino:

Com efeito, depois de Deus nós adoramos e amamos o *Logos* nascido de Deus, eterno e inefável, porque ele se fez homem por nós, para curar-nos dos nossos males tomando-os sobre si. Os escritores puderam ver a verdade de modo obscuro, graças à semente do *Logos* que neles foi depositada. Mas uma coisa é possuir uma semente e uma semelhança proporcional às próprias faculdades e outra é o próprio *Logos*, cuja participação e imitação deriva da Graça que dele provém (Antiseri *apud* Lopes, 2019).

Assim, percebe-se o conceito de *semente do Logos* por Justino de maneira dualista: enquanto gênese (germinação) e enquanto parte do Todo (Dionísio, 2022). Enquanto semente da razão, o *logos* é intrínseco ao homem, visto que todos os humanos, indistintamente, são providos de capacidade intelectual; enquanto parte de um Todo, o *logos* é uma fração, *uma contemplação parcial da verdade*, verdade esta que só pode ser compreendida em sua plenitude por meio do Verbo Encarnado, que é Cristo, que ensina como se deve viver e agir corretamente. Essa mesma *semente do Logos* é o que muito se assemelha ao *logos espermátikos* proposto pela escola de Zenão (Justino *apud* Dionísio, 2022). Também descrito no Evangelho de João, o *Logos* encarnado, no princípio,

[...] era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas *as coisas* foram feitas por ele, e sem ele, nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; [...] Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que creem em seu nome; Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus. **E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós**, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade (Jo 1,1-14, grifou-se).

Igualmente, Clemente de Alexandria, outro intelectual patrístico, entendia que a compreensão de Deus pelo homem é exclusivamente por intermédio de Cristo, que é o Verbo

Encarnado e também o *Logos*; noutras palavras, naturalmente é impossível ao homem conhecer o seu Criador, sendo indispensável, portanto, a atuação da Graça. Por outro lado, todo indivíduo pode refletir, ainda que muito superficialmente e de forma imperfeita, a natureza de Deus por meio da razão, que, como já apontado por Justino, está presente em todos os homens. Vale, entretanto, ressaltar que essa capacidade de pensar a respeito de Deus se manifestava inclusive em meio aos pagãos por meio da filosofia, o que exclui a possibilidade de uma suposta pré-condição de ser cristão para se pensar sobre a Providência (Clemente *apud* Favretto, 2023).

Nesse sentido, Clemente ressalta a importância das escolas filosóficas como meio salvífico operado por Deus por meio dos ensinamentos filosóficos (Dupuis *apud* Favretto, 2023). Cabe salientar que esse conhecimento sobre Deus, por ser pretérito à era cristã, era parcial, a despeito da presença do *Logos* (uma fração desse *Logos*) no homem. Nas palavras do referido padre:

Se, de fato, os gregos reuniram, melhor do que os outros, algumas centelhas do *Logos* divino e fizeram ouvir algumas verdades raras, então testemunham que o poder da verdade não estava oculto; mas eles se acusam de fraqueza, uma vez que não alcançaram a meta. Todos agora veem com evidência, creio eu, que fazer ou dizer algo sem o *Logos* da verdade é como ser forçado a andar sem pés (Clemente *apud* Favretto, 2023).

Em vista disso, é possível depreender que Clemente entendia o magistério filosófico nas diversas culturas como um ensino propedêutico, pois se há frações da verdade, há um meio para se chegar à plenitude da mensagem evangélica vindoura - o *kerygma* cristão (Clemente *apud* Favretto, 2023). Importante também destacar que, diferentemente dos estoicos, os cristãos não conceberam o *Logos* como o próprio cosmo, mas como criador deste. Essa estreita distinção é a base para a encarnação desse *Logos-Verbo*, descrito nos primeiros versos do Evangelho de João (Oliveira; Schiller, 2020).

Com isso, é notável outra divergência significativa com o *Logos* estoico: o cosmo é uma das criações divinas, não se confundindo com o próprio Deus. Outro aspecto distintivo do Deus cristão é que, diferente da concepção material da *Stoa*, Deus é pessoal e Pai, assumindo caráter imaterial; para os discípulos do Pórtico, Deus se reduz ao Absoluto material, revestindo-se de aspecto impessoal. Como já supradito, Deus estoico e cosmo se confundem (Stob *apud* Sánchez, 2022), o que não ocorre no pensamento cristão. Além disso, o cristianismo apresenta Criador e criatura como seres de naturezas distintas (Karamanolis *apud* Sánchez, 2022), pois o

homem jamais se igualará a Deus, como acontece na concepção estoica (Stob *apud* Sánchez, 2022).

Assim, enquanto criatura, deve o homem viver conforme a Graça, perseguindo o magistério do Evangelho, visto que é por intermédio do *Logos-Verdade* encarnado na pessoa de Cristo que o homem aprimora suas virtudes e, ao contrariar isso, o homem age imoralmente, não por desviar-se do viver racional, mas por declinar da sujeição a Deus (Pohlenz *apud* Sánchez, 2022).

Outrossim, o *Logos-Deus*, tanto no estoicismo quanto no cristianismo, concede também ao homem a liberdade de escolha (Karamanolis *apud* Sánchez, 2022). Todavia, essa liberdade, para a ética cristã, não advém da natureza racional do homem, mas nasce da Graça, que é dom divino para a salvação da alma eivada pelo pecado (Pohlenz *apud* Sánchez, 2022). Contrariando o fatalismo estoico, Justino aponta que ao homem é concedido o poder de optar por agir de forma reta ou inclinar-se para ações repreensíveis. Assim, o homem possui irrestrita liberdade de escolha e, ao optar por fazer o que se considera mal, o faz não por responsabilidade do Destino, mas por mero arbítrio, já que nada o obriga a fazer o que é antiético, imoral ou amoral. Essa liberdade, indissociável à responsabilidade consequente, é o que caracteriza o *livre arbítrio* concedido ao homem gratuitamente pelo Criador (Denzey *apud* Sánchez, 2022).

Cabe também apontar a significativa contribuição de Fílon de Alexandria, quando de seu magistério propedêutico acerca da elaboração do conceito do *Logos* cristão. Segundo Ferreira (2021), Fílon de Alexandria foi um judeu que viveu entre os anos 20 a.C. e 50 d.C. e que atuou no governo do imperador Caio Calígula, além de ter deixado tratados de filosofia, os quais foram amplamente recepcionados pelos primeiros cristãos. Ainda segundo Ferreira (2021), o pensamento filoniano, apesar de fortemente influenciado pela filosofia grega, se mostrou inconciliável com a doutrina estoica, mormente no que se refere ao conceito de Deus, matéria e perfeição.

Ao proferir o conceito divinizado de perfeição, se torna impossível para Fílon conceber a perfeição divina no homem. A imatéria contém em si a perfeição, mas a matéria já é em si consequentemente má. Nesse ponto existe uma seríssima divergência entre as doutrinas de Fílon e os estoicos. Os estoicos negam em si a transcendência e as percepções platônicas (Ferreira, 2021).

Nesse sentido, Ferreira (2021) ressalta que Fílon propõe a transcendência do *Logos*, solidificando o conceito de santidade divina, visto que, para este, Deus é imortal, perfeito e santo contrapondo-se à mortalidade, mutabilidade e profano de tudo o que é criado.

Com isso, Ferreira (2021) conclui que a doutrina filoniana se firmou como conexão entre o *Logos* imanente dos estoicos e o *Logos* transcendental de Platão, sendo este também acolhido pelo cristianismo. Ainda conforme o autor supradito, essa contribuição filosófica à elaboração sistemática da compreensão do *Logos* cristão se deu até certo ponto, pois a Fílon era repudiável a noção de um *logos* encarnado, tal como descrito no evangelho joanino. Por fim, a despeito dessa divergência, os trabalhos de Fílon foram indispensáveis ao conceito basilar do *Logos* cristão.

Ademais, Dionísio (2022 *apud* Justino, 2018), lembra o conceito de “cristãos antes de Cristo” por meio do conceito de “sementes do *Logos*”, que consiste na possibilidade de um indivíduo ser cristão embora não seja adepto da religião cristã ou tenha vivido antes do nascimento de Cristo. Isso seria viável caso este mesmo indivíduo vivesse sob obediência aos ditames divinos e praticando condutas irrepreensíveis, pois todo homem possui a capacidade e a liberdade de fazer uso ou não das faculdades intelectuais (*logos*). Por outra via, o não uso da razão implica afronta a Cristo, como pode ser depreendido pelo excerto abaixo:

Nós recebemos o ensinamento de que Cristo é o primogênito de Deus e indicamos antes que ele é o Verbo, do qual todo o gênero humano participou. Portanto, aqueles que viveram conforme o Verbo são cristãos, quando foram considerados ateus, como sucedeu entre os gregos com Sócrates, Heráclito e outros semelhantes; e entre os bárbaros com Abraão, Ananias, Azarias e Misael, e muitos outros, cujos fatos e nomes omitimos agora, pois seria longo enumerar. De modo que também os que antes viveram sem razão, se tornaram inúteis e inimigos de Cristo e assassinos daqueles que vivem com razão; mas os que viveram e continuam vivendo de acordo com ela, são cristãos e não experimentam medo ou perturbação (Justino, 1995 *apud* Dionísio, 2022, p. 47).

Por fim, percebe-se que, conforme Justino (2018 *apud* Dionísio, 2022), é a presença desse *logos* no homem que o permite ter conduta cristã, bem como utilizar a razão em sua excelência, o que, neste último caso, se assemelha ao magistério dos estoicos.

4. Comparação entre os conceitos de *Logos*

Apresentadas as concepções que estoicos e cristãos desenvolveram sobre o *Logos* enquanto divindade, é importante cotejar ambos os conceitos a fim de se identificarem possíveis similaridades e eventuais pontos de deflexão. Diante disso, é apresentado o quadro sinóptico abaixo a respeito do que foi discorrido anteriormente.

Quadro 1: Quadro sinóptico comparativo

<i>Logos</i> no pensamento estoico	<i>Logos</i> no pensamento cristão
Confunde-se com o cosmo	Criador do cosmo
Material (imanente)	Imaterial (transcendente)
Naturezas divina e humana iguais	Naturezas divina e humana distintas
Homem e Deus se confundem	Homem jamais será Deus
Providência impessoal	Providência pessoal
Distante do homem	Próximo do homem
Vida conforme a natureza	Vida conforme a Graça
Criador de tudo o que há	Criador de tudo o que há
Liberdade pelo estado racional	Liberdade pela remissão dos pecados
Sujeição do homem ao destino (determinismo)	Sujeição do homem à vontade divina
Luz ao sentido da vida	Luz ao sentido da vida
Uma fração presente no homem	Uma fração presente no homem

Fonte: do autor.

A representação acima explicita os principais pontos de divergência entre ambas as concepções. A distinção mais notável se dá quanto à materialidade do *Logos*. Para Reale (1990 *apud* Dionísio, 2022), o monismo panteísta do *logos* é a expressão doutrinária das “razões seminais”, a qual institui que este, imanente e uno, pode derivar as mais diversas e infinitas coisas. Trata-se de um substrato do qual tudo se deriva (a materialidade divina). Isso segue de encontro à doutrina da transcendência divina do *Logos* cristão. De acordo com Ferreira (2021), a ideia de um *Logos* transcendental encontra sustentação no pensamento platônico, nas obras de Fílon e em Justino.

Diferentemente dos estoicos, os cristãos, acolhendo as ideias filonianas, adotaram a crença não apenas na transcendência, mas também na incorporeidade divina (refutando o panteísmo e o imanentismo estoicos).

Outra significativa divergência encontra-se na relação entre as naturezas divina e humana. Ferreira (2021 *apud* Moraes, 2017), aponta a não identificação da natureza humana com a divina, refutando a aglutinação entre ambas que os estoicos propuseram.

Nosso autor não admite que a criatura seja identificada com o Criador de quem deriva e seja exaltada em seu lugar. Afinal, o “objeto” ao qual remete a palavra divina, ou seja, a Ideia na mente de Deus, não se confunde com a palavra pela qual é expresso ou, em termos criacionistas, a Palavra por meio da qual o projeto de Deus vem a ser como criatura real (Moraes, 2017 *apud* Ferreira, 2021, p. 13).

Todavia, existem aspectos de compatibilidade entre ambas as correntes de pensamento. A mais evidente similaridade existente é a proposta de aprimoramento das virtudes humanas. Os estoicos apresentam um novo referencial de homem, que visa à felicidade por meio do autodomínio. A razão torna-se a lei insculpida no interior do homem, o qual deve ser superior apenas a si próprio. Nesse contexto, o domínio próprio permite ao homem distinguir o agir racionalmente do agir motivado pelos impulsos. Isso é o que distingue o homem sábio daquele que é servo de suas paixões (Assmann, 1994).

O cristianismo também aponta para o aprimoramento das virtudes. Segundo Desilva *apud* Sánchez, (2022), o apóstolo Paulo teve excelente formação acadêmica e suas epístolas permitem depreender que ele teve contato com a doutrina estoica, sendo influenciado pelas escolas helenísticas de uma forma geral. Nesse sentido, Pohlenz (*apud* Sánchez, 2022), ressalta que, assim como os estoicos, os cristãos entendem que a natureza universal do homem estabelece entre todos um laço de fraternidade. Além disso, Sánchez (2022), aludindo a Thorsteinsoon, corrobora essa visão humanitária lembrando a epístola paulina aos romanos, na qual é registrado o amor como virtude primeira, contribuindo para constituição da moralidade dos cristãos de Roma.

Ainda acerca das virtudes, o cristianismo também incita o homem ao autodomínio: “Digo, porém: Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne.” (Gl 5,16). Esse excerto do livro de Gálatas resume uma sequência de exortações e argumentos acerca da necessidade de os servos de Cristo sujeitarem as paixões ao *logos*, ainda que não se utilize diretamente esta expressão. O Espírito (em maiúsculo) refere-se ao Espírito Santo, cuja atuação sobre a razão humana é o que liberta o homem da servidão imposta pelos impulsos carnis. O livro ainda arrola as denominadas *obras da carne* para que delas o homem se abstenha, além de elucidar os *frutos do Espírito* como atributos que externam as virtudes a serem alcançadas por intermédio da escolha de viver segundo o Evangelho.

Por fim, percebe-se que ambas as doutrinas, cada qual à sua interpretação, propõem ao homem um estado de excelência moral por meio de condutas irrepreensíveis. Como já

discorrido, o homem estoico e o homem cristão possuem a capacidade e meios para refletir sobre a melhor opção a ser feita com base na razão. Nisso, essas doutrinas se harmonizam.

4. Conclusão

Em razão do exposto, nota-se o aspecto materialista, mas não ateuísta, da representação do *Logos* pelos estoicos. Essa percepção panteísta dos estoicos permite compreender uma relação entre o *Logos* e o homem de forma indissociável materialmente, visto que a natureza divina, por ser imanente, se confunde com a própria natureza humana. O homem se equipara a Deus e deve agir segundo o que lhe é próprio (o agir conforme a natureza). Então, pode-se entender que os estoicos compreendiam o homem como um ser completo e autossuficiente, visto que sua natureza se iguala à natureza da razão divina.

Noutra banda, a razão divina compreendida pelos primeiros cristãos não se encontra fisicamente no homem, tampouco a este se equipara, mas lhe é superior e transcendente. O *Logos* possui uma natureza que se difere do homem, pois é transcendente, razão pela qual este jamais se equipara ao Criador a despeito de este permitir a existência de uma fração desse mesmo *Logos* no homem, mas não materialmente. Isso explica ontologicamente a capacidade de o homem poder discernir entre as escolhas que faz. Também resta evidente, pela ética cristã, a posição de superioridade do homem em relação às alimárias, visto ser aquele dotado de habilidades intelectuais, conforme descrito no livro de Gênesis. O agir do homem, para alcance da Salvação, deve ser fundamentado na Graça, pois o homem não se equipara a Deus, sendo, portanto, imperfeito e limitado. Por esse motivo, alcançar uma vida plenamente ética e virtuosa é impossível ao homem pelos próprios meios (ou seja, não basta tão somente agir conforme a natureza). É necessário receber a Graça advinda do *Logos* transcendente.

Certamente as semelhanças entre as doutrinas aqui apresentadas mostram-se mais relevantes do que suas divergências, visto que, na prática, ambas motivam o homem a buscar um elevado padrão de conduta ética. E ao proporem isso, tanto o estoicismo quanto o cristianismo estabelecem uma vida com propósitos nobres, substituindo o materialismo estrito de pensadores como os epicureus por uma vida plena. O mero ato de existir não cabe mais, pois o homem passa a adquirir uma dimensão existencial ampla e superior. É a razão que agora conduz as ações humanas na busca da felicidade (para os estoicos) e da Salvação (para os cristãos). E é essa mesma razão que domina os impulsos e permite viver com liberdade.

Outro ponto importante acerca da compreensão do *Logos* está na essência divina que integra ou inspira o homem. Os estoicos materializam no indivíduo a natureza, que com ela se confunde. O Deus estoico é o *logos* e também o próprio ser humano, razão pela qual o indivíduo deve agir conforme os instrumentos estritamente intelectuais, pois é incoerente que os seres humanos ajam abdicando da razão, que é o *logos* imanente à sua natureza.

Por outro lado, essa essência divina para os cristãos é o que inspira, mas não integra os homens. O *logos* dos cristãos, transcendente, ilumina o intelecto. É essa razão divina que traz ao ser humano uma compreensão ampla da vida e do metafísico para propósitos que estão além da capacidade humana conceber. Por esse motivo, o indivíduo necessariamente depende da Graça, visto ele não ser autossuficiente.

Percebe-se também que há fortes indícios da influência da cultura helenística, mormente a doutrina da *Stoa*, na sistematização da teologia cristã. A resiliência do apóstolo Paulo diante das perseguições e do cárcere podem ser compreendidos como manifestação da fé somada à aplicação de preceitos estoicos, visto que, como já apontado acima, o estoicismo e cristianismo não são mutuamente excludentes. Há pontos de interseção entre ambas as correntes de pensamento que podem explicar a experiência do referido apóstolo.

Por fim, acerca de ambas as doutrinas do *Logos*, infere-se que a compatibilidade entre esses dois conceitos é parcial. A convergência se dá principalmente no que se refere ao Deus criador, à fração desse *Logos* que existe no homem e à iluminação da existência do homem com propósito de vida. Já os pontos de deflexão relevantes estão na substância (imanente x transcendente), na pessoalidade (impessoal x pessoal) e nas naturezas divina e humana, que são iguais para os estoicos e distintas para os cristãos.

REFERÊNCIAS:

ASSMANN, S. J. Estoicismo e Helenização do Cristianismo. **Revista de Ciências Humanas**. v. 11, n. 15, 24-38, p. 1994. UFSC. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23812/21368>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida no Brasil**. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

DIONÍSIO, J. O *logos* estóico e o *logos* em Justino. **Revista Filosófica São Boaventura**. v.16, n. 1, 41-56, p. 2022. Disponível em:

<https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/149/123> Acesso em: 17 jul. 2024.

FAVRETTO, A. B. O incremento Cristológico do Logos Protreptikos na formulação Praeparatio Evangelica no Concílio Vaticano II. Como isto favorece a compreensão Teológico-Dogmática Positiva sobre as religiões? **Revista de Cultura Teológica**. v. 32, n. 105, 224-241, p. 2023. Bíblia e Paz (SIMPEB). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/63478/43120>. Acesso em: 17 jul. 2024.

FERREIRA, J. M. V. **A introdução da filosofia do logos no pensamento cristão**. 2021, 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) – Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021. Disponível em: <http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/bitstream/prefix/543/1/TCC%20-%20Jo%c3%a3o%20Marcos%20Valvassori.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2024.

GAZOLLA, R. Representação compreensiva: critério de verdade e virtude no Estoicismo Antigo. **Classica-Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, v. 19, n. 2, p. 187-195, 2006. Disponível em: <https://www.revista.classica.org.br/classica/article/download/114/104> Acesso em: 25 nov. 2024.

LOPES, E. P. **Fundamentos da teologia da educação cristã**. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2019.

MATOS, A. S. DE M. C. A Phýsis como fundamento do sistema filosófico estoico. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 51, n. 121, p. 173-193, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/B6JbRNQz5GnYTg7QDng8q9J/?format=html&lang=pt#> Acesso em: 7 jul. 2024.

OLIVEIRA, T. A. F. DE; SCHILLER, S. As relações entre a filosofia e o cristianismo nos primeiros séculos. **Helleniká – Revista Cultural**. Curitiba. v. 2, n. 2, 201-219, p. 2020. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/hellenika/article/view/214/121> Acesso em: 17 jul. 2024.

REALE, G. **Estoicismo, Ceticismo e Eclétismo**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. Vol. VI. História da Filosofia Grega e Romana.

SÁNCHEZ, J. A. Divergencias y convergencias del estoicismo de la época imperial con el cristianismo primitivo. **Revista Estudio Agustiniano**. v. 57, n. 2, 333-372, p. 2022. Valladolid (Espana). Disponível em: <https://revistas.agustinosvalladolid.es/index.php/estudio/article/view/1057/1037> Acesso em: 17 jul. 2024.

SOUZA, K. T. A. de. Bens, males e indiferentes no estoicismo. *In Anais da V Semana de Filosofia do Campus Caicó*. II Jornada de Ensino de Filosofia de Caicó. Sueny Nóbrega Soares Brito et al., Caicó: UERN, 2013. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/fisolofia-caico-eventos/arquivos/2087anais_v_semana_de_filosofia.pdf#page=81 Acesso em: 13 jul. 2024.

ⁱ Especialista em Gestão Pública. Especialista em Estatística Aplicada. Pós-graduando em Teologia Sistemática. Bacharel em Engenharia Química. Graduando em Teologia - UniFatecie. E-mail: thsilpereira@gmail.com

ⁱⁱ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. É Coordenador e Professor do Curso de Bacharelado em Teologia no Centro Universitário UniFatecie, em Paranavaí-PR. E-mail: flavio.donizete@fatecie.edu.br

Recebido:	03/09/2024
Publicado:	18/12/2024